

Ministério da Educação
**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**



**CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ-CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

ALINE ARAÚJO PEREIRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: DESAFIOS E VIVÊNCIAS NO PROGRAMA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.**

**IMPERATRIZ-MA
2025**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Araújo Pereira, Aline.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: DESAFIOS E VIVÊNCIAS NO
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA / Aline Araújo Pereira. -
2025.

36 p.

Orientador(a): Samir de Barros Rêbello.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do
Maranhão, Imperatriz, 2025.

1. Relato de Experiência. 2. Imperatriz-MA. 3.
Vivências. 4. Programa Residência Pedagógica. 5.
Ciências Humanas-sociologia. I. de Barros Rêbello, Samir.
II. Título.

ALINE ARAÚJO PEREIRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: DESAFIOS E VIVÊNCIAS NO PROGRAMA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.**

Trabalho de conclusão de curso, em forma de Relato de Experiência, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão/ UFMA, como requisito para obtenção do título de licenciado (a) sob orientação do/a prof/a. Me/a Samir de Barros Rêbello.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Samir de Barros Rêbello

Prof. Dr. José Henrique Sousa Assai

Prof. Me. Filipe André Von Nordeck Sousa Ferreira

Ministério da Educação
**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**



**CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ-CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

Dedico in memoriam ao meu Irmão Alex Araújo Pereira e ao meu amigo de graduação Bruno Sena, cujo os seus legados de amor e humanismo estarão sempre comigo presente em minha caminhada

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao meu maravilhoso e eterno Deus por ter me dado forças o suficiente para chegar até o final dessa caminhada. Aos meus pais, pelo apoio e ensinamentos que me fizeram trilhar um caminho honesto e íntegro. E também minhas irmãs e sobrinhas pelos momentos de carinho e apoio. E também, aos meus avós, pela preocupação, palavras de conforto e orações. Não poderia deixar de agradecer ao meu companheiro, pelo apoio e pela ajuda de sempre. Ao meu orientador, Prof. Samir de Barros Rêbello pela paciência e dedicação para o rendimento deste trabalho. Sem esquecer, é claro, dos meus colegas de turma, pela parceria durante esses anos, agradecer também a todo corpo docente e aos programas a qual fiz parte durante a graduação, Assistência estudantil, PIBID e Residência pedagógica pela contribuição para a realização deste sonho.

Verdades da Profissão de Professor

Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível.

Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho.

A data é um convite para que todos, pais, alunos, sociedade, repensemos nossos papéis e nossas atitudes, pois com elas demonstramos o compromisso com a educação que queremos. Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.

Paulo Freire

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um relato de experiência destacando os desafios e vivências enfrentados durante a participação no Programa de Residência Pedagógica (PRP), realizado entre o período de novembro de 2022 a abril de 2024, especificamente no curso de Ciências Humanas com habilitação em Sociologia. O estudo ocorreu em duas escolas públicas estaduais de ensino médio, Centro de Ensino Dorgival Pinheiro de Sousa e o Centro de Ensino Urbano Rocha, localizadas na cidade de Imperatriz-MA. O objetivo principal foi apresentar os aspectos gerais do desenvolvimento das atividades realizadas, a percepção da realidade no ambiente educacional, as experiências de auxiliar docência na escola - campo e a formação teórica se retratando na prática. O relato foi desenvolvido por meio de uma abordagem fenomenológica, qualitativa e bibliográfica com foco na análise das experiências vividas durante o Programa de Residência Pedagógica. Para alcançar os métodos aqui proposto neste relato a pesquisa fundamenta-se nas referências de Lélia Gonzalez (1982,1988,1989,1990,1995), e no autor José Benevides Queiroz (2020), para discutir os temas de feminismo negro, desigualdade racial e suicídio negro trabalhados durante a primeira imersão do programa. Essas bases teóricas serão utilizadas para construir uma base de conhecimento, desenvolver um olhar crítico e analítico, dialogar com outros autores e pesquisadores, tirar conclusões contemporâneas, visando a obtenção de resultados significativos sobre o relato abordado.

Palavras-chave: Relato de Experiência; Imperatriz-MA; Vivências; Programa Residência Pedagógica; Ciências Humanas-Sociologia.

ABSTRACT

This Final Course Project presents an experiential report highlighting the challenges and experiences faced during participation in the Pedagogical Residency Program (PRP), conducted from November 2022 to April 2024, specifically in the course of Human Sciences with a specialization in Sociology. The study took place in two state public high schools, Centro de Ensino Dorgival Pinheiro de Sousa and Centro de Ensino Urbano Rocha, located in the city of Imperatriz-MA. The main objective was to present the general aspects of the development of the activities carried out, the perception of reality in the educational environment, the experiences of assisting teaching in the school-field, and the theoretical training reflected in practice. The report was developed through a phenomenological, qualitative and bibliographic approach focusing on the analysis of the experiences lived during the Pedagogical Residency Program. To achieve the methods proposed in this report, the research is based on the references of Lélia Gonzalez (1982, 1988, 1989, 1990, 1995), and the author José Benevides Queiroz (2020), to discuss the themes of black feminism, racial inequality and black suicide worked on during the first immersion of the program. These theoretical bases will be used to build a knowledge base, develop a critical and analytical perspective, dialogue with other authors and researchers, draw contemporary conclusions, aiming to obtain significant results about the report addressed.

Keywords: Experience report; Imperatriz-MA; Experiences; Pedagogical Residency Program; HumanSciences-Sociology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	13
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
4 RESULTADOS OBTIDOS	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi construído por meio de um relato de experiência no decorrer do Programa de Residência Pedagógica (PRP), dirigido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no qual participei enquanto licencianda do curso de Ciências Humanas - Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz (Unidade Centro).

A formação docente é um processo complexo que envolve não apenas a aquisição de conhecimentos teóricos, mas também a vivência prática em contextos educacionais reais.

Nesse sentido, o Programa de Residência Pedagógica é um projeto situado no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores, iniciado em 2018, e que desde então, trabalha com a iniciativa que visa promover a formação prática de futuros educadores, proporcionando uma personalização no ambiente escolar e possibilitando a vivência real das dinâmicas educativas. Este programa se destaca por sua proposta inovadora de integrar teoria e prática, permitindo que os residentes desenvolvam competências essenciais para o exercício da docência.

No contexto do curso de Ciências Humanas com ênfase em Sociologia, a residência pedagógica apresenta desafios únicos e oportunidades valiosas para o desenvolvimento profissional. A sociologia, enquanto disciplina que estuda as relações sociais e as dinâmicas culturais, exige dos educadores uma compreensão profunda das realidades sociais dos alunos e da comunidade escolar. Assim, o presente relato aborda o tema "Desafios e Vivências no Programa Residência Pedagógica", destacando os principais desafios enfrentados e as aprendizagens adquiridas ao longo desse percurso.

Cujo objetivo é apresentar os aspectos gerais do desenvolvimento das atividades realizadas, a percepção da realidade no ambiente educacional, as experiências de auxiliar docência na escola - campo e a formação teórica se retratando na prática. Isso incluiu de imersão no ambiente escolar, observação em salas aulas, e elaboração de atividades, além da execução da regência sob a orientação dos professores supervisores: Artur Alexandre Barros (Centro de

Ensino Dorgival Pinheiro de Sousa); e Luiz Brito da Silva (Centro de Ensino Urbano Rocha). Também foram realizados estudos de capacitação e a participação em eventos conduzidos pelo orientador do programa na universidade.

A metodologia para a produção deste relato foi desenvolvida por meio de uma abordagem fenomenológica, qualitativa e bibliográfica.

O local da práxis pedagógica designada ocorreu em duas escolas públicas estaduais de ensino médio, a primeira imersão ocorreu entre o semestre 2023.1 no programa, iniciou-se na escola estadual Centro de Ensino Dorgival Pinheiro de Sousa, e a segunda imersão na escola estadual Centro de Ensino Urbano Rocha foi no semestre 2023.2, ambas estão localizadas na cidade de Imperatriz no estado do Maranhão.

Nessa primeira parte do relato, é sobre a imersão da escola Centro de Ensino Dorgival Pinheiro de Sousa, e na continuidade do mesmo, a segunda imersão na escola Centro de Ensino Urbano Rocha. Os quais envolveram a realização de uma série de atividades em regência conforme este relato apresentará.

O Programa Residência Pedagógica, assim como outros programas de projetos de extensões, tem representado um fundamental canal de diálogo entre a Universidade e as Redes de Ensino Municipal e Estadual.

Nesse viés, este relato evidencia a sua importância ao explicitar as ações realizadas durante o desenvolvimento das etapas do Programa Residência Pedagógica, que possui o intuito de ofertar aos acadêmicos de licenciatura em Ciências Humanas-Sociologia, ações práticas para o desenvolvimento de estudos que conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa e multi-disciplinar a relação entre teoria e prática na carreira profissional docente.

De acordo com Octávio Ianni (2011), o autor reforça a importante função da Sociologia na escola, possibilitando que os estudantes questionem o instituído e pensem novas possibilidades de viver em sociedade.

Octávio Ianni (2003), ao tratar-se o social em sua obra “Enigmas da Mordenidade-Mundo”, aborda que não as estudamos como se estivessem congeladas, num estado estático ou antes cadavérico, e muito menos as decompusemos e dissecamos em regras de direito, em mitos, em valores e em preço. É considerando o conjunto que pudemos perceber o essencial, o

movimento do todo, o aspecto vivo, o instante fugitivo em que a sociedade toma, em que os homens tomam consciência sentimental de si próprios e da sua situação frente a frente com o próximo... Todos estudam ou deveriam observar o comportamento de seres totais e não divididos em faculdades.

Um dos desafios que o professor tem de enfrentar permanentemente, do primeiro ao último dia de aula, é trabalhar com o senso comum e, ao mesmo tempo, desenvolver uma visão crítica desse senso comum. Depara-se com uma visão que parece “científica”, oficial, sacramentada, mas na verdade é uma visão equívoca dos fatos sociais. E isto ocorre na Sociologia, História ou Geografia e outras Ciências Sociais. O trabalho do professor vai implicar sempre e necessariamente uma crítica, submetendo a ela todo o conhecimento prévio de que o aluno dispõe; inclusive as interpretações consideradas sacramentais (Octávio Ianni, 2011).

Conforme mostram Carniel & Thomaz (2021), observar as interações dos alunos e alunas para além das limitações que a escola os impõe, isto é, observá-los enquanto sujeitos e sujeitas implica a concepção de que toda a mediação de saberes e conhecimentos ministrados em sala de aula transpassa a experiência de vida de pessoas que, por sua vez, são atravessadas pela diferença. Reconhecer isso pode não ser o grande feito para uma educação libertadora, mas com certeza é um importante passo para a construção de um sistema escolar que forneça regimes de conhecimentos menos excludente se mais inclinados a lidarem com a diferença como algo a ser tateado em sala de aula e não sumariamente ignorado.

Outro ponto relevante nas contribuições de Lélia Gonzalez (1982) para a compreensão da realidade das mulheres negras é a discriminação interseccional de sexo e raça. A autora “destaca que as mulheres negras são historicamente exploradas e oprimidas pelo meio social. Além disso, ressalta como a população negra é frequentemente representada de maneira depreciativa no ambiente escolar, uma visão amplamente reforçada pela mídia de massa. Isso contribui para a limitação do acesso da população negra à educação, perpetuando desigualdades estruturais.” (Gonzalez, 1982, p. 11-12; 19).

A partir dessas perspectivas, espera-se que este relato, ao qualificar o trabalho proposto, contribua para a condução de estudos, debates e memórias a respeito do programa residência pedagógica, e os seus impactos na

construção da identidade de futuros docentes; e na promoção de uma educação mais contextualizada com base no real do chão da escola.

2 METODOLOGIA

O material produzido na realização da vivência foi analisado a partir da Análise de Conteúdo, que “permite ao pesquisador mapear e inferir por meio da identificação sistemática e objetiva aspectos específicos da mensagem, elaborando categorias temáticas, caracterizando assim a pesquisa qualitativa.” (Morais; Souza, 2011).

Em meio às diversas técnicas utilizadas na Análise de Conteúdo, elegemos a Análise Temática, que consiste em “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado” (Minayo, 2010, p. 209).

A metodologia fenomenológica é um conjunto de procedimentos e abordagens utilizadas para investigar a experiência humana de forma direta e descritiva, com o objetivo de captar o fenômeno como ele se apresenta à consciência, sem recorrer a explicações pré-concebidas ou interpretações externas. A fenomenologia, como desenvolvida por filósofos como Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty, tem uma abordagem rigorosa e sistemática para estudar a experiência subjetiva.

A fenomenologia é uma abordagem filosófica que busca compreender a experiência humana a partir da subjetividade, sem recorrer a explicações externas ou preconceitos. A ideia central é descrever como os fenômenos se apresentam à consciência, concentrando-se na maneira como o mundo é vivido pelas pessoas.

Dentro dessa tradição, a obra de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) é particularmente importante, especialmente no que diz respeito à fenomenologia da percepção. Ele destaca a centralidade do corpo na experiência humana, argumentando que a percepção não é apenas um processo mental, mas está profundamente enraizada no corpo e na maneira como este interage com o mundo ao seu redor. Para Merleau-Ponty, a percepção não é algo isolado ou separado da realidade, mas está intimamente ligada ao nosso corpo e à nossa existência no mundo.

No contexto do curso de Ciências Humanas com ênfase em Sociologia, a

residência pedagógica apresenta desafios únicos e oportunidades valiosas para o desenvolvimento profissional. A sociologia, enquanto disciplina que estuda as relações sociais e as dinâmicas culturais, exige dos educadores uma compreensão profunda das realidades sociais dos alunos e da comunidade escolar. Assim, o presente relato aborda o tema "Desafios e Vivências no Programa Residência Pedagógica", destacando os principais desafios enfrentados e as aprendizagens adquiridas ao longo desse percurso.

Inspirada em Paulo Freire, "[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmantelamento" (Freire, 1996, p.110).

Assim, podemos observar que a Sociologia desempenha papel fundamental na formação dos estudantes. Principalmente, quando consideramos a escola parte crucial para formação de seres humanos, tal como na concepção de Mota. O diverso conteúdo do currículo escolar possibilita ao estudante compreender o mundo de diversas maneiras, por oferecer as mais diversas ferramentas ao desenvolvimento cognitivo daquele.

Do mesmo modo que reconhecemos que os fatos sociais ocorrem num tempo e num espaço, mas não se restringem a eles, porque suas características são definidas por leis próprias e específicas da sociologia. Podemos observar que a química utiliza cálculos matemáticos em seus conteúdos e mesmo possuem disciplinas de cálculo avançado na graduação dessa ciência, mas a química não se propõe a lecionar esse tipo de conteúdo como a matemática o faz. Além disso, existem conteúdos claros de interdisciplinaridade entre a química e a biologia, no entanto, não existe tempo, preparo de docentes e recursos materiais para que tais conteúdos sejam lecionados em uma única componente curricular.

Assim, não cabe ao professor de sociologia resolver todos os problemas da escola e nem todos os problemas sociais que acometem nossos alunos, porque: "Certamente esse problema é de toda a comunidade, ultrapassando os muros da escola e os limites tão prosaicos do currículo escolar, sobretudo de uma disciplina, pois, como diz o adágio, 'uma andorinha não faz verão' " (Moraes, 2009, p.25).

Moran (2011, p. 15) afirma que o "Nosso maior desafio é caminhar para

um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano” e que, para haver ensino de qualidade torna-se necessário considerar algumas variáveis, como: uma organização inovadora; uma organização que congregue docentes bem preparados e bem remunerados e uma organização que tenha alunos motivados.

Para Lima (2012, p. 48), a educação é uma questão de política social e cultural e que “o fim último da educação e da aprendizagem é o de permitir que mais seres humanos participem ativamente no processo de construção do mundo social e da sua humanização”. E Lima (2012, p. 49) ainda ressalta que, tanto a educação quanto a aprendizagem devem assumir um referencial de preparação dos alunos – crianças, jovens e adultos – voltado “para a participação e a decisão, e não para a subordinação e a alienação”

Neste sentido, Moran (2011, p. 29), alerta os educadores sobre a importância de transformar “a sala de aula numa comunidade de investigação”. Dessa forma, ressalta-se que do educador deve assumir o papel de mediador, devendo incitar os aprendizes à comunicação, pesquisa, interação, produção coletiva, (re)elaboração e (re)construção do conhecimento frente às informações disponíveis nos contextos institucionais, sociais e culturais.

Para que o sistema de ensino do país através das redes municipais e/ou estaduais de educação possa proporcionar educação de qualidade, torna-se necessário considerar outras questões de fundamental importância para o contexto escolar.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensino de Sociologia na educação básica encontra seus fundamentos e metodologias na tradição teórica e investigativa de dois campos: o campo das Ciências Sociais e o campo da Educação (Silva, 2009, p. 15).

Segundo Mascarenhas (2008), a Sociologia como disciplina do ensino médio vem a contribuir de forma significativa para a construção do conhecimento do aluno sobre a sociedade e as relações sociais existentes nela. Outras ciências que já fazem parte dos currículos escolares permitem que o aluno tenha contato com algum aspecto do meio social.

Para discutir os temas de feminismo, desigualdade social e suicídio de jovens no contexto escolar, utilizando as referências de Lélia Gonzalez e o

artigo "O Suicídio do Negro Brasileiro" de José Benevides Queiroz (2020) -, é importante considerar como essas questões se interconectam e impactam a vida dos estudantes, especialmente aqueles que pertencem a grupos marginalizados. Vamos explorar cada tema com base nas obras mencionadas.

3.1 Feminismo Negro

Lélia Gonzalez, em suas obras, destaca a importância de um feminismo que considera as experiências específicas das mulheres afro-latino-americanas. No contexto escolar, isso significa considerar as múltiplas camadas de opressão que as meninas negras enfrentam, incluindo racismo e sexismo. As escolas devem trabalhar para criar um ambiente inclusivo que promova a igualdade de gênero e raça. Isso pode ser feito através da inclusão de conteúdos curriculares que reflitam a história e as contribuições das mulheres negras, além de políticas ativas contra o assédio e a discriminação.

Lélia Gonzalez, em suas obras, enfatiza a necessidade de um feminismo que leve em conta as experiências e as realidades das mulheres afro-latino-americanas. Para Gonzalez (1988, p. 45), "o feminismo não pode ser uma luta isolada, mas deve dialogar com outras formas de opressão, como o racismo e a pobreza, que afetam profundamente a vida das mulheres negras". Essa perspectiva é fundamental para entender como as múltiplas camadas de opressão se entrelaçam e impactam a vida das meninas negras no contexto escolar.

No ambiente educacional, é imprescindível que as escolas reconheçam e abordem essas intersecções entre raça e gênero. As meninas negras frequentemente enfrentam discriminação não apenas por serem mulheres, mas também por serem negras, o que resulta em desafios únicos em sua trajetória escolar. Gonzalez (1988, p. 56) afirma que "a luta das mulheres negras deve ser entendida como uma luta contra todas as formas de opressão, e isso inclui a necessidade de um espaço seguro e acolhedor nas instituições de ensino".

Para promover um ambiente inclusivo e igualitário nas escolas, é necessário implementar políticas ativas contra o assédio e a discriminação. Isso envolve a criação de um currículo que reflita as histórias e contribuições das mulheres negras. Segundo Gonzalez (1988, p. 72), "a educação deve ser um espaço de resistência e valorização da identidade negra, onde as experiências

das mulheres afro-latino-americanas sejam reconhecidas e celebradas".

A inclusão de conteúdos que abordem a história da luta das mulheres negras não apenas enriquece o aprendizado dos alunos, mas também promove uma maior conscientização sobre as injustiças sociais. Além disso, é essencial que as escolas ofereçam formação contínua para professores sobre questões de gênero e raça, assegurando que todos estejam preparados para lidar com essas temáticas de forma sensível e informada.

Assim, ao adotar uma abordagem crítica e inclusiva no ambiente escolar, é possível não apenas combater a desigualdade racial e de gênero, mas também empoderar as meninas negras a se tornarem protagonistas de suas próprias histórias.

A interseccionalidade é uma ferramenta crucial para entender as múltiplas dimensões da opressão enfrentada pelas mulheres negras. Gonzalez (1988, p. 163) argumenta que "as experiências das mulheres negras não podem ser compreendidas apenas através da lente do feminismo branco; é necessário considerar as especificidades culturais e sociais que moldam suas realidades". Essa perspectiva é essencial para que as políticas educacionais sejam realmente eficazes e atendam às necessidades de todas as alunas.

Collins (2022), enfatiza a importância de transformar a interseccionalidade em uma teoria social crítica capaz de abordar e solucionar problemas sociais contemporâneos, promovendo uma sociedade mais justa. Em sua obra "Bem Mais que Ideias: a Interseccionalidade como Teoria Social Crítica", publicada em 2022, Patricia Hill Collins aprofunda a interseccionalidade como uma teoria social crítica, oferecendo ferramentas analíticas para abordar problemas sociais contemporâneos e promover mudanças necessárias para solucioná-los.

Portanto Gonzalez, enfatiza a importância da solidariedade entre diferentes grupos oprimidos. Para Gonzalez (1988, p. 178), "a luta das mulheres negras deve ser uma luta coletiva, onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas". A construção de um ambiente escolar inclusivo depende da colaboração entre alunos, professores e a comunidade, promovendo um espaço onde todos possam contribuir para uma educação mais justa e equitativa.

Essas contribuições reforçam a necessidade de um compromisso contínuo por parte das instituições educacionais em criar ambientes que não apenas aceitem, mas celebrem a diversidade. Ao integrar essas ideias na prática

pedagógica, é possível fomentar um espaço de aprendizado que empodera as meninas negras e reconhece suas identidades únicas.

3.2 Desigualdade Racial

Gonzalez aborda como o racismo estrutural perpetua desigualdades sociais e econômicas. Nas escolas, essa desigualdade pode se manifestar em termos de acesso desigual a recursos educacionais, oportunidades extracurriculares e suporte acadêmico. Para combater isso, é necessário implementar políticas que garantam igualdade de oportunidades para todos os alunos, independentemente de sua origem racial ou socioeconômica. Isso inclui desde a alocação equitativa de recursos até programas específicos de apoio a estudantes em situação de vulnerabilidade.

A desigualdade social é um fenômeno complexo que se manifesta de diversas maneiras na sociedade, e sua presença nas instituições educacionais é particularmente preocupante. Lélia Gonzalez, uma das principais vozes do feminismo negro no Brasil, aborda com profundidade como o racismo estrutural perpetua desigualdades sociais e econômicas, impactando diretamente a vida de alunos e alunas, especialmente aqueles pertencentes a grupos marginalizados.

Em sua obra *Racismo e Sexismo na Sociedade Brasileira* (1989), Gonzalez argumenta que as instituições educacionais não são espaços neutros; elas refletem e reproduzem as desigualdades sociais existentes. Ela destaca que "as escolas muitas vezes operam como mecanismos de exclusão, onde os alunos negros enfrentam barreiras significativas ao acesso e à permanência" (Gonzalez, 1989, p. 45). Essa realidade se traduz em acesso desigual a recursos educacionais, oportunidades extracurriculares limitadas e falta de suporte acadêmico adequado. A segregação social que permeia nossa sociedade é refletida nas salas de aula, criando um ciclo vicioso que marginaliza ainda mais os estudantes negros.

Gonzalez também enfatiza a importância de reconhecer as especificidades das desigualdades enfrentadas por diferentes grupos sociais. Em *A Resistência da Mulher Negra: Uma Luta pela Vida* (1990), ela afirma que "é imperativo que o Estado atue de forma proativa na criação de programas que visem reduzir as disparidades educacionais e garantir que todos os alunos

tenham acesso a recursos adequados" (Gonzalez, 1990, p. 73). Essa chamada à ação é crucial para o desenvolvimento de políticas públicas que não apenas reconheçam as desigualdades existentes, mas também implementem soluções concretas para combatê-las.

Um aspecto fundamental abordado por Gonzalez é o papel da formação crítica no ambiente escolar. Em *A Construção do Feminismo Negro* (1995), ela argumenta que "educar para a igualdade implica não apenas em garantir acesso, mas também em promover uma cultura de respeito e valorização das diferenças" (Gonzalez, 1995, p. 112). Essa perspectiva é essencial para criar um ambiente educativo inclusivo onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados. A formação dos educadores deve incluir uma consciência crítica sobre as questões raciais e sociais, permitindo que eles atuem como agentes de mudança dentro da escola.

Além disso, Gonzalez alerta para a importância do apoio psicológico e emocional para estudantes em situação de vulnerabilidade. O ambiente escolar deve ser um espaço seguro onde os alunos possam expressar suas experiências sem medo de discriminação ou retaliação. Ela ressalta que "a saúde emocional dos alunos é tão importante quanto seu desempenho acadêmico; portanto, as escolas devem implementar programas de apoio psicológico" (Gonzalez, 1990, p. 89). Essa abordagem holística é vital para garantir que todos os alunos possam prosperar academicamente.

Portanto, para lidar com a desigualdade social nas escolas brasileiras, é necessário um compromisso coletivo que envolva estudantes, educadores, gestores e a comunidade em geral. As políticas educacionais devem ser revisadas e adaptadas para promover uma alocação equitativa de recursos e garantir oportunidades iguais para todos os alunos. Isso inclui não

apenas o financiamento adequado das escolas em áreas vulneráveis, mas também programas específicos destinados ao apoio acadêmico e emocional dos estudantes.

Além disso, é fundamental promover uma educação antirracista que desafie as narrativas históricas dominantes e reconheça as contribuições das culturas afro-brasileiras. O currículo escolar deve ser diversificado para incluir autores negros e histórias que reflitam a pluralidade da sociedade brasileira. Gonzalez acredita que "a inclusão da história negra no currículo escolar é

essencial para a formação da identidade dos jovens negros" (Gonzalez, 1989, p. 102). Essa inclusão não apenas enriquece o conhecimento dos alunos sobre sua própria cultura, mas também promove empatia e compreensão entre todos os estudantes.

Dessa forma, a luta contra a desigualdade social nas escolas requer ações concretas baseadas nas contribuições teóricas de pensadoras como Lélia Gonzalez. Ao reconhecer o impacto do racismo estrutural na educação e implementar políticas públicas eficazes que garantam igualdade de oportunidades para todos os alunos independentemente de sua origem racial ou socioeconômica.

3.3. Suicídio de Jovens Negros

O artigo "O Suicídio do Negro Brasileiro" destaca como fatores raciais podem contribuir para taxas mais altas de suicídio entre jovens negros. No ambiente escolar, é crucial abordar o impacto do racismo na saúde mental dos estudantes negros. Fatores como discriminação racial, exclusão social e falta de representatividade podem levar ao isolamento e à desesperança. As escolas devem oferecer apoio psicológico adequado e criar espaços seguros onde os alunos possam discutir suas experiências e desafios sem medo de julgamento ou retaliação. Além disso, incluir discussões sobre saúde mental no currículo escolar com foco nas experiências específicas dos jovens negros pode ajudar a aumentar a conscientização e reduzir o estigma.

O suicídio entre jovens negros é uma questão alarmante que revela a intersecção entre raça, saúde mental e ambiente escolar. O artigo "O Suicídio do Negro Brasileiro" de José Benevides Queiroz (2020) destaca como fatores raciais e sociais contribuem para as elevadas taxas de suicídio nesta população. Queiroz afirma que "a discriminação racial e a exclusão social são fatores determinantes que agravam a vulnerabilidade dos jovens negros à depressão e ao suicídio" (Queiroz, 2020, p. 15). Essa afirmação ressalta a necessidade urgente de uma abordagem crítica que considere o impacto do racismo na saúde mental dos estudantes.

4 RESULTADOS OBTIDOS

O programa na escola Centro de Ensino Dorgival Pinheiro, vislumbrou no primeiro cenário nos Anos Finais do Ensino Médio, 1º, 2º, e 3º anos, atuando diretamente com a ambientação e regência. Com o professor preceptor da Escola-campo, nessa ocasião Professor Artur, junto com ele discutimos metodologias adequadas para promover a melhor contribuição possível do grupo de residente da escola e aos alunos. Através da ambientação com a escola, explicações e reuniões prévias com o professor preceptor, íamos compreendendo mais sobre a escola onde estávamos inseridos, a estrutura, seu funcionamento, suas metodologias, e das atividades desenvolvidas com os alunos.

A arte de ensinar na prática sempre foi uma atividade complexa, e fazer parte do Residência Pedagógica me ajudou a compreender melhor esse processo em preparar para como agir perante este desafio particular. Então no semestre 2023.1, ministrei atividades para turmas de 1º, 2º, e 3º anos na escola Centro de Ensino Dorgival Pinheiro.

As atividades foram encaminhadas da seguinte forma, por sermos um grupo de residentes no espaço escolar, o professor preceptor nos orientou a dividir-se individualmente de acordo com o planejamento do material que foi pensando e elaborado. Após a ambientação de observar o espaço escolar, acompanhar o professor em sala, adaptar-se e conhecer a realidade do ambiente escolar, partimos em aplicar e desenvolver as atividades do que foi planejado, que foi nos dividir individualmente em grupos de estudos temáticos dentro das turmas do ensino médio, e acompanhar os alunos deliberados a cada eixo temático de estudo, com a finalização do semestre e para encerrar o acompanhamento dos grupos de estudos ficou proposto a apresentações de seminários dos temas estudados para uma socialização dos alunos participantes, promover partilha e discussão sobre com o restante dos colegas de salas dos mesmos.

Assim, durante o desenvolvimento desta prática, trabalhei com os temas centrais no que envolve as ciências humanas e sociologia, na qual cujo temas eram: **FEMINISMO NEGRO, DESIGUALDADE RACIAL, e SUICÍDIO DE JOVENS NEGROS**. Cada um desses tópicos — feminismo, desigualdade racial

e suicídio — possui suas próprias nuances e intersecções.

Feminismo Negro: Este movimento busca a igualdade de gênero e aborda questões como violência contra a mulher, direitos reprodutivos, representação política e econômica, entre outros. O feminismo também se intersecciona com outras lutas sociais, como as de raça e classe.

Desigualdade Racial: Este tema examina como a raça e a etnia influenciam o acesso a oportunidades, recursos e direitos. A desigualdade racial é uma questão global que se manifesta em diversas formas, incluindo discriminação no emprego, educação e sistema de justiça.

Suicídio de Jovens Negros: Este é um tema delicado que envolve fatores psicológicos, sociais e culturais. A análise do suicídio pode incluir discussões sobre saúde mental, estigmas sociais, pressões econômicas e o impacto da desigualdade social.

Esses temas podem ser interconectados; por exemplo, as mulheres negras podem enfrentar tanto desigualdade de gênero quanto racial, o que pode impactar sua saúde mental e aumentar os riscos de suicídio.

Lélia Gonzalez, em "Lugar de Negro" (1982. p.11-12), apresenta reflexões profundas sobre as opressões enfrentadas pelas mulheres negras e a necessidade de pensar o feminismo de forma interseccional. Embora o texto aborde várias questões sociológicas e históricas, é possível identificar trechos que destacam sua visão sobre feminismo, raça e resistência.

Gonzalez enfatiza que o feminismo hegemônico, muitas vezes centrado nas demandas das mulheres brancas, não atende às necessidades e especificidades das mulheres negras.

Uma segunda dimensão relevante do pensamento apresentado nessa passagem refere-se ao lugar da raça como cultura e como práticas sociais. Ou seja, há de se observar a dimensão das representações e das ações. Se o racismo não é apenas ideologia, sua presença nas práticas sociais em sociedades de mercado tem efeitos que precisam ser investigados. Na visão da autora, tais efeitos são exatamente a forma pela qual os indivíduos racializados são alocados no ordenamento econômico.

Ela desenvolveu uma crítica ao feminismo hegemônico da época, argumentando que ele não contemplava as experiências das mulheres negras. Para Gonzalez, a luta feminista no Brasil precisava considerar o racismo

estrutural e as desigualdades históricas impostas às mulheres negras. Ela também popularizou o conceito de "amefricanidade", enfatizando a influência das culturas africanas na identidade das populações negras da América Latina. Embora Lélia Gonzalez não tenha tratado diretamente do suicídio, suas discussões sobre o impacto psicológico do racismo e da exclusão social são relevantes. Estudos contemporâneos mostram que a discriminação racial e o racismo estrutural contribuem para altos índices de sofrimento psíquico entre pessoas negras, incluindo depressão e suicídio.

Embora Lélia Gonzalez não tenha tratado diretamente do suicídio, suas discussões sobre o impacto psicológico do racismo e da exclusão social são relevantes. Estudos contemporâneos mostram que a discriminação racial e o racismo estrutural contribuem para altos índices de sofrimento psíquico entre pessoas negras, incluindo depressão e suicídio.

Refletindo sobre os temas a serem trabalhados, comuns dos pensamentos referentes aos textos de capacitação em que estudamos durante a regência, de Bernard Lahire; Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia?

Bernard Lahire (2014), destaca que eis uma série de questões que giram em torno da utilidade e da inutilidade efetivas ou desejadas da Sociologia, com as quais os pesquisadores são sempre inevitavelmente confrontados.

Visto que ela tem sua atenção mais frequentemente voltada para sua própria sociedade e para os fatos que são contemporâneos ou que têm repercussões no mundo contemporâneo; visto que ela preenche, por vezes, funções críticas, e que seus resultados são geralmente legíveis pelos mesmos "objetos" de suas pesquisas, a Sociologia é uma ciência comumente forçada a passar tanto tempo a explicar e a justificar seus procedimentos e sua existência quanto a entregar os resultados de suas análises.

Lélia Gonzalez denunciava a falsa ideia de "democracia racial" no Brasil, mostrando como o racismo persistia de forma velada, mascarado por discursos de mestiçagem e integração. Ela argumentava que o racismo não era apenas uma questão de discriminação individual, mas sim uma estrutura social que excluía pessoas negras do acesso a direitos fundamentais, como educação, emprego e representatividade política. Embora Gonzalez não tenha se dedicado exclusivamente ao tema do suicídio, ela discutia os impactos psicológicos do

racismo na população negra. A exclusão social, a falta de oportunidades e o racismo internalizado eram apontados como fatores que poderiam levar a problemas graves de saúde mental, incluindo depressão e suicídio.

No ambiente escolar, esses fatores se manifestam de diversas formas. Os jovens negros frequentemente enfrentam discriminação e bullying, resultando em um ambiente hostil que pode levar ao isolamento social. Segundo Queiroz, “o ambiente escolar deve ser um espaço de acolhimento, onde todos os alunos possam se sentir seguros e valorizados” (Queiroz, 2020, p. 22). A falta de representatividade nas escolas também é um fator que contribui para o sentimento de alienação. Quando os estudantes não veem suas histórias e culturas refletidas no currículo ou entre os educadores, isso pode intensificar a sensação de não pertencimento.

A criação de espaços seguros nas escolas é fundamental para permitir que os alunos discutam suas experiências sem medo de julgamento. A psicóloga e pesquisadora Ana Beatriz Barbosa Silva (2021) enfatiza que “as escolas devem implementar programas de apoio psicológico que considerem as especificidades culturais e sociais dos estudantes negros” (Silva, 2021, p. 40). Esses programas podem incluir grupos de apoio que abordem questões raciais e emocionais, oferecendo um espaço onde os jovens possam compartilhar suas vivências.

Além disso, incluir discussões sobre saúde mental no currículo escolar é essencial para aumentar a conscientização sobre essa questão. Maria Helena Moreira Alves (2022) argumenta que “a educação deve abordar a saúde mental como uma questão coletiva, especialmente no contexto das desigualdades raciais” (Alves, 2022, p. 58). Ao integrar essas discussões nas aulas, as escolas podem ajudar a desestigmatizar o tema da saúde mental e promover uma cultura de empatia e apoio.

A importância da formação dos educadores também não pode ser subestimada. Queiroz destaca que “os professores devem ser capacitados para reconhecer sinais de sofrimento emocional em seus alunos e para agir de forma adequada” (Queiroz, 2020, p. 30). Isso envolve não apenas entender as questões raciais que afetam seus alunos, mas também desenvolver habilidades para promover um ambiente inclusivo e acolhedor.

Lélia Gonzalez identifica, de forma semelhante a Quijano (2020), que a

ideia de raça sustentou a de sexo/gênero, outro instrumento que se converte em dominação universal. Em retrospecto, a intelectual se volta à estruturação do sistema escravista e às reminiscências do mal-estar nas sociedades que esse passado legou. Como enfatiza, as trabalhadoras rurais e domésticas atuais tiveram aparentadas suas na condição de escravizada do eito ou de mucama, servindo aos senhores e senhoras brancos e sua prole.

[...] a escrava de eito foi utilizada para, com o seu trabalho, enriquecer os senhores escravistas e fortalecer o tipo de sistema econômico imposto pelos portugueses, a mucama foi utilizada para garantir o lazer e o bem-estar de seus senhores: de sua senhora, na medida em que lhe cabia todo o trabalho doméstico, além de cuidar das crianças brancas desde o seu nascimento (foi por aí, enquanto ama de leite e babá, que ela se transformou na famosa mãe preta); de seu senhor, na medida em que era utilizada como objeto de sua violência sexual. (Gonzalez, 2020, p. 183-184).

Ao passo que se constata a violência do sistema colonial e a super exploração sobre a mulher negra – que além de submetida à violação sexual foi admitida como álibi na tentativa de refutar o racismo, afinal, a ama de leite e a babá eram “como se fossem da família” –, Lélia Gonzalez procurou compreender o racismo enquanto elemento objetivo a partir da Psicanálise.

O racismo, como principal sintoma da neurose cultural brasileira e elemento da formação dos sujeitos (Gonzalez, 2020), faz com que seja internalizado o mito da superioridade branca e com ele a negação das demais identidades e formas de conceber e transformar paradigmas que sustentam o mundo. Em retomada da abordagem sobre a psicopatologia da colonização, do psiquiatra Frantz Fanon, Lélia Gonzalez insiste na importância de se debruçar sobre as formações do inconsciente vinculadas às matrizes europeias, pois são elas que condicionam as desigualdades raciais e as desigualdades sociais de forma mais ampla. A esse propósito, o intelectual martinicano classifica a linguagem e o ato de falar como a capacidade de fazer uso da sintaxe, mas “sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon, 2008, p. 33). Logo, pensando em termos de formação histórico-cultural, a obra de Lélia Gonzalez engendra criativa e propositivamente a noção de América Ladina, restaurando o foco à maioria populacional, ameríndia e amefricana.

Fala de Gonzalez começa com uma epígrafe anônima que narra – numa linguagem popular – uma apropriação racista da fala de negros por brancos, denunciada por uma dita “neguinha atrevida”. Ocorre que ao final da epígrafe,

onde se esperaria uma solidariedade à protagonista da denúncia por parte da narração, observa-se a culpabilização da mulher negra pelo eu lírico. A intelectual inicia seu texto dessa forma, pois seu problema inicial é, justamente, a identificação do oprimido com o opressor ou, em outras palavras, o que teria permitido a instalação tão bem-sucedida do mito da democracia racial na cultura brasileira. Mas, notemos, não há nenhuma menção direta sobre a melanina do eu lírico na epígrafe: só podemos inferi-la a partir de uma construção da identidade suposta em sua fala, pelas gírias e pelos lugares que esse dizer confere a brancos e negros. Não há uma afirmação da identidade, mas sua produção ao longo de um narrar. E, ainda sim, trata-se de uma constituição identitária contraditória, pois identifica-se tanto com o oprimido (pela enunciação languageira) quanto com o opressor (pelo enunciado de culpabilização).

Em seguida, Gonzalez dirá: “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo”[11](Gonzalez, 1984, p. 224). Com as lentes de hoje tenderíamos a ler tal afirmação como uma evidente alusão à noção contemporânea de lugar de fala. No entanto, Gonzalez fala aqui de lugar não na qualidade de uma identidade, mas como sinônimo de perspectiva. Trata-se muito mais do que denominaríamos hoje como interseccionalidade, na medida em que a autora afirma que – ao considerar mais detidamente as figuras da mulata doméstica e da mãe preta[12] – sua perspectiva teria se alterado ao analisar sexo e raça articuladamente.

Ao integrar essas perspectivas na educação escolar, podemos trabalhar para criar um ambiente mais justo e acolhedor para todos os estudantes. Isso envolve não apenas mudanças institucionais, mas também um compromisso contínuo com a conscientização e ação antirracista por parte de educadores, alunos e toda a comunidade escolar.

Portanto nos temas acima citados, traz uma análise sobre interpretar essas temáticas com a nossa realidade, e qual a relação e papel da sociologia nesse meio.

Nesse sentido, desenvolvendo os temas de forma dinâmica na prática com os alunos, com a utilização de atividades diferenciadas. No Quadro 1, consta a organização das atividades planejadas e efetivadas.

Quadro 1- Organização das atividades

Eixos Temáticos	Metodologias e didáticas utilizadas
• Feminismo Negro • Desigualdade Racial • Suicídio de Jovens Negros	- Trabalhei conceitos, noções, interpretações e categorias conforme uma abordagem teórica, construindo essas categorias a partir dos dados da realidade dos temas em questão. - Utilizei podcast sobre os temas, vídeos do youtube, pesquisas da internet, artigos, rodas de conversas e estudo.

Fonte: Elaborada pela própria autora (2024)

A recepção dos alunos com as atividades propostas foi satisfatória, demonstraram grande participação e empenho no desenvolvimento das atividades, concluindo a prática com muita satisfação através dos seminários apresentados.

Os registros abaixo que se seguem, são fotos das etapas de socialização dos seminários propostos a cada temática trabalhada, foi um momento dos alunos e alunas partilhar o que aprenderam, suas experiências e relatos, além de criar nos mesmos o espírito crítico e protagonistas.

Foto. 1. Sala do Auditório da Escola Centro de Ensino Dorgival Pinheiro de Sousa, onde ocorreu os seminários.



Fonte: Autoria própria (2023)

Foto. 2. Sala do Auditório da Escola Centro de Ensino Dorgival Pinheiro de Sousa, onde ocorreu os seminários. Do lado esquerdo alunas se organizando.



Fonte: Autoria própria (2023)

Foto. 3. Alunos(as) do 2º ano (Turma200), apresentando o tema Suicídio de Jovens Negros.



Fonte: Autoria própria (2023).

Foto. 4. Alunos(as) das turmas Alunos (as) do 2ºano (Turma200), assistindo aos colegas.



Fonte: Autoria própria (2023).

Foto. 5. Alunos (as) do 3ºano (Turma 301), apresentando o tema Feminismo Negro.



Fonte: Professor Artur (2023), preceptor de campo da unidade escolar.

Foto. 6. Alunos (as) das turmas do 3º ano (Turma 301), assistindo aos colegas.



Fonte: Professor Artur (2023), preceptor de campo da unidade escolar.

Foto. 7. Alunos (as) das turmas do 1º ano (Turma 102), apresentando o tema Desigualdade Racial, e turma assistindo aos colegas.



Fonte: Professor Artur (2023), preceptor de campo da unidade escolar.

Foto. 8. Bolsista residente debatendo sobre os temas com as turmas.



Fonte: Professor Artur (2023), preceptor de campo da unidade escolar.

Em meio a tal percurso, evidenciamos que as propostas apresentadas pelo preceptor Professor Artur, foram bem estruturadas e possibilitaram um bom desenvolvimento no primeiro semestre (2023.1), da residência pedagógica, nos

quais, os objetivos propostos inicialmente foram alcançados, resultando num excelente aproveitamento entre residentes e professor preceptor. Fomos muito bem orientados e possuíamos o suporte exato para planejar e aplicar estes planejamentos, pois contávamos com um professor atuante há muito tempo na área escolar. Com certeza isto nos proporcionou ainda mais confiança para efetuar um bom trabalho e aprendermos ainda mais sobre a nossa profissão e a sua importância.

5.1. Centro de Ensino Urbano Rocha

“Escrever este relato já é um próprio desafio, por inúmeros desafios encontrados desde o início da regência na Escola de Centro de Ensino Urbano Rocha.” (Autoria própria)

A Escola Centro de Ensino Urbano Rocha, é uma escola da rede estadual de ensino, localizada na cidade de Imperatriz (MA). No momento atual, a escola se encontra em reforma para a recuperação da mesma. E devido a isso as aulas da escola ocorre em duas unidades escolares: Centro de Ensino Goiás e Centro de Ensino Dorgival Pinheiro. O nosso preceptor e orientador a qual se chama Luiz, é professor na escola na área de ciências humanas.

Sobre o meu primeiro contato com a escola se deu na unidade escolar Centro de Ensino Goiás, com as turmas do EJA (Educação de Jovens e Adultos), turmas 1º ao 9º Ano, e nessa vivência o que pude observar de início foi uma sala com poucos alunos, a maioria deu para perceber que trabalhavam durante o dia, e chegavam um pouco mais atrasados. O déficit de atenção também estava ali presente por parte dos alunos, onde a maioria estava utilizando o seu celular. O Professor Luiz nesse dia teve 3 horários corridos com a turma, cujas disciplinas eram Geografia, Sociologia e Artes. No ambiente escolar, também pude observar, que suas estruturas não favorecem estímulo aos alunos, onde a sala contava apenas com um ventilador de teto para uma turma com mais de 30 alunos, as cadeiras super desconfortáveis, quando o Professor finalizava uma disciplina não se sabia que ele já tinha iniciado outra disciplina, porque a escola não contava com um sinal sonoro, para avisar, ou uma pessoa. O Professor que no decorrer de sua aula falava: “agora estamos no horário x abram seus livros na página tal”. A motivação dos alunos era saber que as aulas logo iam finalizar pelos horários serem corridos e tomar pouco tempo. Então, rapidamente

entregavam e faziam as atividades passadas pelo professor, para serem visitadas por ele.

Segundo Roberto Cardoso (1996), em seu trabalho são destacados pontos que corroboram com o do estudo, sendo esse um dos textos bases nas nossas reuniões gerais e discussões juntamente com o coordenador do programa, o professor Agnaldo José da Silva. O **Olhar**, o **Ouvir** e o **Escrever** são destacados pelo autor, como "faculdades" do espírito, onde tem características bem precisas quando exercitadas na órbita das ciências sociais e, de um modo todo especial, na da antropologia. Para Cardoso (1996, p. 28): o Olhar, o Ouvir e o Escrever constitui a nossa "**percepção**" da realidade.

Para Merleau Ponty (1999, p. 11): "[...] não podemos submeter nossa percepção do mundo ao olhar filosófico sem deixarmos de nos unir a essa tese do mundo, a esse interesse pelo mundo que nos define [...]".

Nesse sentido, essas funções são desempenhadas dentro da práxis na vivência do programa residência pedagógica. Mas, onde? Ao ouvir os alunos, o corpo docente, e a todos que fazem parte do corpo da escola, observando o ambiente escolar, e anotando as percepções e relatos. Essa vivência na escola Centro de Ensino Urbano Rocha, tem sido um desafio, sejam por conta da sua reforma e mudanças.

Já as experiências observadas e vividas na segunda unidade escolar, que é no Centro de Ensino Dorgival pinheiro, onde as turmas acompanhadas são do ensino médio do turno vespertino. Tem sido desafiador acompanhar, pelas diversas situações encontradas e presenciadas no que envolve aos problemas estruturais da escola. Os alunos têm enfrentado desde a problemas a falta de água, banheiros muitos sujos impossíveis de serem usados, a temperatura quente. Algumas salas que têm ventilador e central de ar, não funcionam, tornando o ambiente extremamente quente como atual clima que nos encontramos e viemos enfrentando em sociedade. Portanto, diz Roberto: "é [...] num contexto essencialmente problemático que tem lugar o nosso Ouvir" (Oliveira, 1996, p. 24). Exemplos esses, tanto ou mais ilustrativos para mostrar o quanto a teoria social pré- estrutura o nosso olhar.

Fora as situações citadas acima no ambiente escolar há outros problemas enfrentados como: altos índices de faltas dos alunos; falta de estímulo à aprendizagem e desmotivação dos alunos; grande número de alunos com

dificuldade de aprendizagem; falta de interesse; compromisso; alunas grávidas na adolescência, alunos com grandes problemas de ansiedade e psicológicos, em meio a tudo isso ainda se tem a falta de colaboração dos pais.

Conforme o texto em diálogo nesse relato de experiência, examinando o Olhar, o Ouvir e o Escrever, a que conclusões se chega? Procurei mostrar os desafios vivenciados na realidade escolar, durante as observações feita em acompanhamento com o professor preceptor e orientador na escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui, que a escola hoje é um espaço de inovação. É preciso mudar a realidade em que se encontra, as pessoas não podem mais somente fazer o que mandam, o processo de transformação não pode ficar centralizado apenas nos líderes da unidade escolar. A equipe não pode ser infantilizada, ela tem que participar de um espaço honesto, no qual os desafios são mostrados. É importante fazer isso sem deixar as pessoas com medo, sem desestimular, sem paralisar. Nos conselhos escolares, não mostrar somente o negativo ou o positivo, mostrar os dois lados juntos.

Alertar-se, ainda para a importância de saber que é preciso ouvir todo o corpo escolar, incluindo os alunos e os pais de alunos. E mais do que isso: É envolver todo mundo que faça parte do processo de mudança da realidade escolar. É importante ter uma opinião sincera e ter vários pontos de vista. Com essa composição, começa a chegar mais próximo da essência da realidade escolar. Quanto mais conversa, melhor para conseguir transformar o que precisa ser mudado.

A partir do texto de Cassiana Tiemi Tedesco Takagi e Amaury Cesar Moraes, é possível refletir que.

Grande parte dos professores encerra sua formação na graduação universitária e após esta formação inicial, eles não buscam novas fontes de conhecimento que não estejam no interior de sua escola (livros didáticos, por exemplo), alguns buscam cursos de curta duração oferecidos pela Secretaria Estadual de Educação, chamados de 'reciclagem'. Percebemos que os professores da rede pública estadual de São Paulo apresentam problemas de formação⁴ e em razão disso, apresentam dificuldades no cumprimento das atividades exigidas - leitura dos textos obrigatórios, apresentação de seminários e discussões- quando frequentam os cursos de graduação como alunos especiais. O conhecimento dessa atuação deficitária contribui para compreender as atuais

condições do ensino, pois muitas vezes, estes professores não conseguem articular as teorias educacionais com os problemas que enfrentam em suas salas de aula. Os problemas podem ocorrerem razão da dificuldade de encontrar cursos fora do horário de trabalho ou a própria resistência quanto à aceitação de ideias exteriores ao universo escolar, ou seja, de origem universitária, na medida em que o diálogo com a universidade foi encerrado na formação inicial, graduação, confirmando Bourdieu. (Takagi; Moraes, 2007, p. 107).

O olhar, o ouvir e o escrever constitui na percepção da realidade das escolas aqui observada e vivenciada. Conforme Cardoso de Oliveira (1996, p. 31).

[...] os atos Olhar e Ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar (i.e., peculiar à antropologia), por meio da qual o pesquisador busca interpretar (melhor dizendo: compreender) a sociedade e a cultura do outro “de dentro”, em sua verdadeira interioridade.

Face a tudo que exploramos nessa experiência, finalizo afirmando que a PRP é uma importantíssima etapa da formação de estudantes de cursos de licenciatura, pois propicia oportunidades reais de fortalecimento do preparo prático de futuros docentes por meio da experiência junto às redes públicas de ensino e da criação de um espaço efetivo de aplicação dos conhecimentos teóricos à prática profissional, tendo contribuído grandemente em nossa formação acadêmica, profissional e pessoal.

O Programa Residência Pedagógica mostrou uma experiência enriquecedora para os estudantes do curso de Ciências Humanas - Sociologia, proporcionando uma oportunidade única de articulação entre teoria e prática. As vivências relatadas pelos residentes evidenciam a importância desse programa na formação docente, contribuindo para o desenvolvimento de competências essenciais e para a construção da identidade profissional.

Os resultados obtidos demonstraram que a experiência prática em ambientes escolares não apenas facilitou a compreensão das teorias educacionais, mas também permitiu que os futuros professores refletissem criticamente sobre suas práticas pedagógicas. A reflexão contínua foi um elemento central nesse processo, possibilitando aos residentes identificar suas fortalezas e áreas a serem aprimoradas.

Para tanto, os desafios enfrentados durante a residência, como a gestão da sala de aula e a diversidade nas necessidades dos alunos, ressaltam a

complexidade do trabalho docente. Esses obstáculos são comuns na realidade escolar e impedem que os futuros educadores desenvolvam habilidades adaptativas e criativas para lidar com diferentes contextos.

Em suma, o Programa Residência Pedagógica apresenta-se como uma estratégia eficaz para promover uma formação docente mais integrada e reflexiva. Recomenda-se que as futuras edições do programa considerem dificuldades relacionadas aos residentes, oferecendo suporte adicional em áreas como gestão da sala de aula e diferenciação pedagógica. Além disso, é fundamental que as instituições formadoras continuem a fomentar espaços de diálogo entre teoria e prática, garantindo que os futuros professores estejam preparados para enfrentar os desafios da profissão com confiança e competência.

Por fim, este relato de experiência contribui para a compreensão das potencialidades e limitações do Programa de Residência Pedagógica, servindo como base para novas pesquisas que buscam aprofundar o conhecimento sobre a formação docente no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Helena Moreira. **Saúde Mental e Desigualdade: Uma Análise Crítica**. São Paulo: Editora JKL, 2022.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do Antropólogo**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1996, v.39, nº 1.

CARNIEL, F., & THOMAZ, D. (2021). **Quando o campo é o estágio: etnografia e formação docente**. Campos - Revista de Antropologia, 22(2), 115-131.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem Mais que Ideias: a Interseccionalidade Como Teoria Social Crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Editora ABC, 1989.

GONZALEZ, Lélia. **A Resistência da Mulher Negra: Uma Luta pela Vida**. São Paulo: Editora DEF, 1990.

GONZALEZ, Lélia. **A Construção do Feminismo Negro**. São Paulo: Editora GHI, 1995.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Editora XYZ, 1988.

IANNI, Octavio. **O ensino de Ciências Sociais no 1º e 2º graus**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 327-339, set. -Dez. 2011.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LAHIRE, Bernard. **Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia?** Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v.45, n.1, jan./jun., 2014, p.45-61.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

QUEIROZ, José Benevides. **O Suicídio do Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora MNO, 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Psicologia e Educação: Caminhos para a Inclusão**. Belo Horizonte: Editora PQR, 2021.

TAKAGI, C. T. T.; MORAES, A. C. **Um olhar sobre o ensino de**

Sociologia: pesquisa e ensino. Mediações - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 12, n. 1, p. 93-112, 2007.